

- 7 FEV 1995

Produtividade no Congresso

PAULO GOUVÊA DA COSTA *

A atividade parlamentar tem servido de rico manancial para notícias e comentários os mais desabonadores. A tal ponto chegou o mau conceito do Congresso Nacional que alguns mais exaltados gostariam de vê-lo fechado. Para todo o sempre, de preferência.

Vade retro. A maioria acredita ainda — felizmente — que o Congresso tem salvação. E entende que ele deve passar por reformas severas.

O caminho é este: é necessário propor, debater e adotar, com urgência, medidas destinadas ao aperfeiçoamento da ação parlamentar, de sorte que ela tenha maior efetividade e, em consequência, mais credibilidade.

Uma dessas medidas diz respeito ao aproveitamento do tempo do congressista no exercício de suas funções.

A atividade parlamentar se concentra basicamente em dotar o país de instrumentos legais que organizem a vida em sociedade e em controlar o exercício do Poder Executivo. Isso exige intenso trabalho: elaboração e apresentação de projetos, análise em comissões, discussões, votação em plenário.

E essa ação depende, talvez paradoxalmente, de sua presença na base. O congressista não pode estar longe da população que ele representa. É crucial que sua ação se inspire nos anseios de quem lhe delegou essa função. Ignorar esse fato é falsear o sentido da representação.

É preciso, pois, conciliar duas exigências: estar fisicamente em Brasília e também junto à população do estado de origem. Como fazê-lo adequadamente se, na maioria dos casos, a realidade geográfica impõe enormes distâncias para o cumprimento dessas duas exigências?

Atualmente, a maioria dos congressistas inicia efetivamente suas atividades em Brasília às terças-feiras, encerrando-as às quintas. Às sextas é feito o deslocamento para o estado, com retorno às segundas-feiras para a Capital Federal. O desperdício de tempo entre idas e vindas semanais tem inevitável reflexo na eficácia da atividade parlamentar.

Nem bem se atende às exigências básicas de seu trabalho no Congresso, nem bem se dá a atenção devida à base. E daí os comentários do tipo *esses deputados ganham uma fortuna para fazer nada* ou então *depois que se elegerem, não aparecem mais*.

Isso é ruim para a população e também para o parlamentar. Afinal, ninguém gosta de ser tachado de *gazeteiro* ou de *desaparecido*. Apesar de esse vaivém semanal dar ao congressista a impressão de intensa e cansativa atividade, os resultados para a população são escassos, e isso é o que conta.

Uma mudança no sistema de trabalho poderia contribuir para dar mais consistência à ação parlamentar.

Proponho concretamente a adoção de um sistema que já defendi durante minha campanha eleitoral: a transformação em norma daquilo que hoje é a exceção — o esforço concentrado. O parlamentar permaneceria trabalhando em Brasília durante três semanas seguidas do mês, reservando a quarta semana para sua permanência na base.

A primeira e mais importante vantagem é proporcionada pela maior produtividade no trabalho, tanto em Brasília quanto em seu estado de origem.

Eliminando a dispersão de esforços, aumenta a eficiência. De acréscimo pode-se ter ainda algum ganho na economia de recursos financeiros: em vez das três passagens aéreas mensais de ida e volta ao estado-base (mais uma para o Rio!) — hoje destinadas a cada parlamentar e pagas pelo Congresso —, bastará uma ou duas.

Sei que outros parlamentares eleitos estão pensando em propor medidas semelhantes a esta. E isso é ótimo. Estou ciente também de que as propostas sofrerão compreensíveis reações.

Mas, a meu ver, a adoção de medida desse tipo tem a grande vantagem de fazer o Congresso atuar como uma organização que persegue maior produtividade: mais produção com menores custos. E isso certamente será muito bom para a sociedade e para todos os parlamentares.